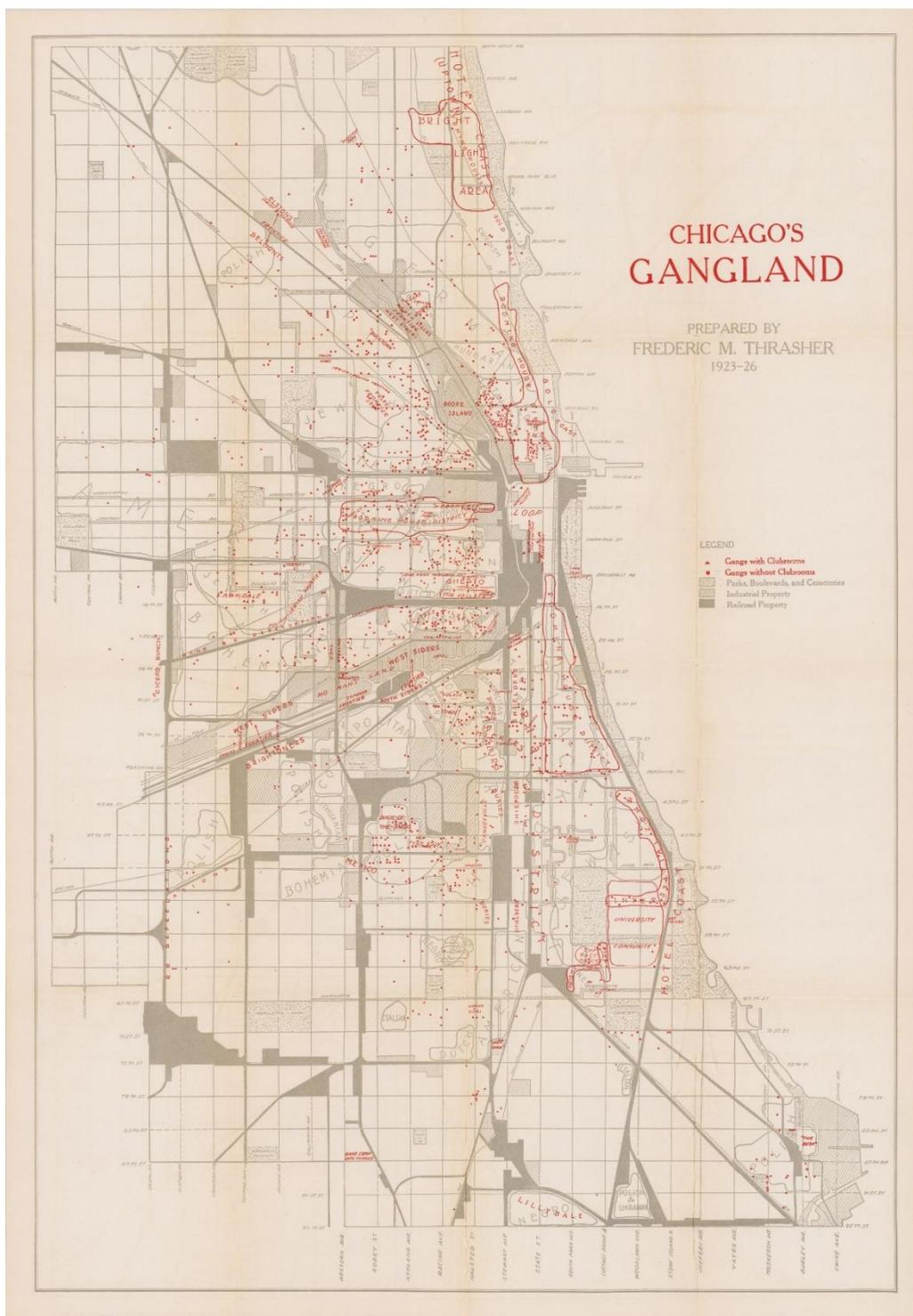
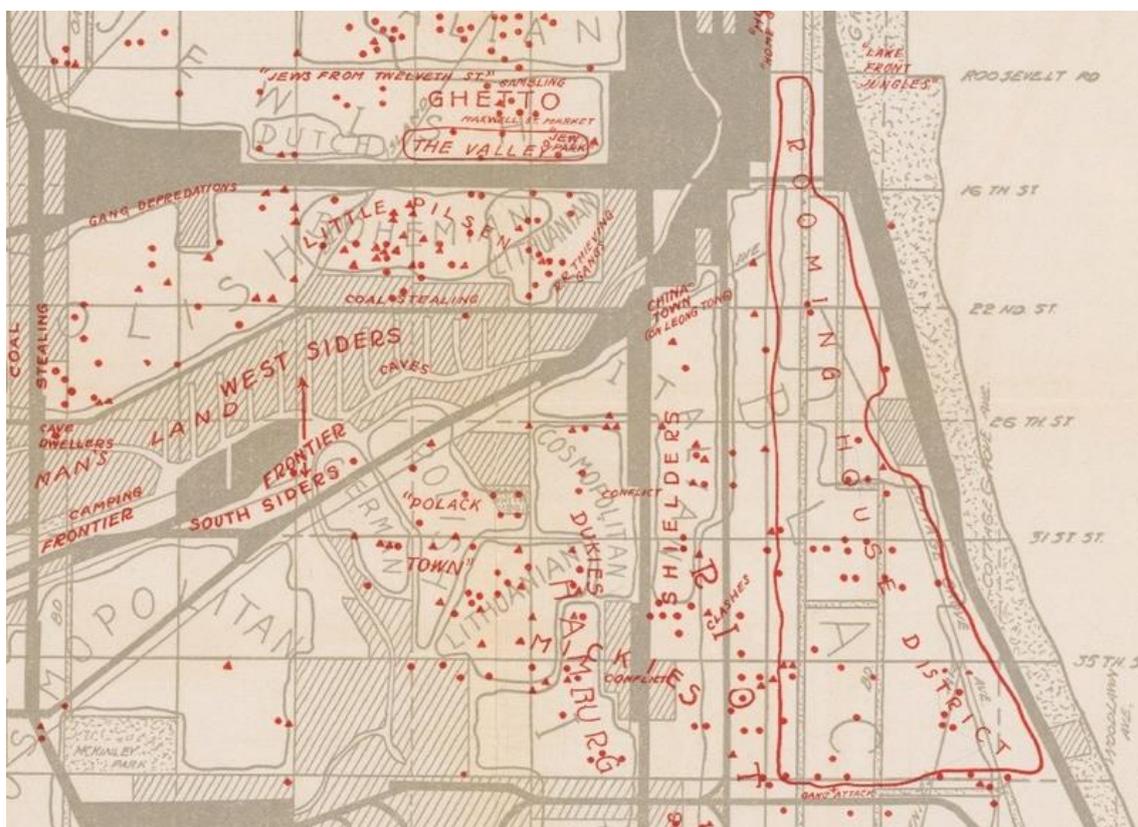


ERA UMA VEZ NA AMÉRICA: UM PERCURSO PEDAGÓGICO PELA ESCOLA DE CHICAGO

PAULA GUERRA





Era uma vez na América: um percurso pedagógico pela Escola de Chicago
© Paula Guerra, 2017

Projeto Pedagógico da Unidade Curricular
Teorias Sociológicas II
2012-2017

Faculdade de Letras da
Universidade do Porto
ISBN 978-989-99966-4-9

Figura da capa: *Chicago's Gangland*. Disponível em
<http://www.atlasobscura.com/articles/map-monday-chicago-gangland>

Figura da contracapa: *Polish, Jewish, and Black gangs were found in the expansive "West Side Wilderness"*. Disponível em
<http://www.atlasobscura.com/articles/map-monday-chicago-gangland>

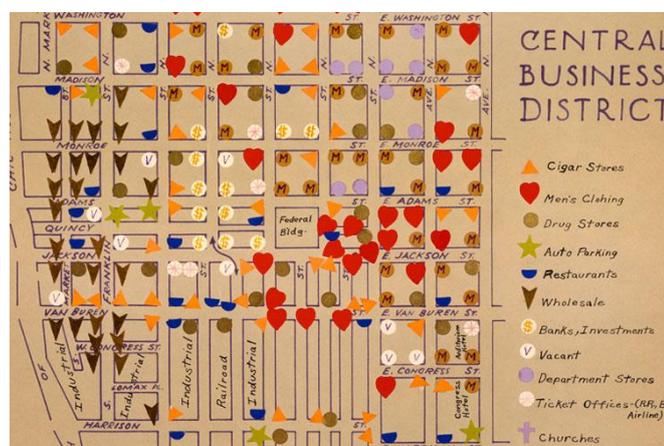
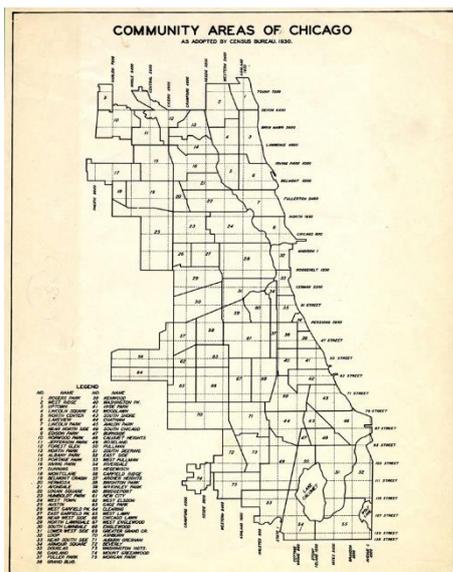
1. Tempos e espaços cruzados da modernidade em Chicago em 1920

O processo de desenvolvimento da cidade de Chicago foi o mote e ponto de partida para a inauguração de uma abordagem sociológica primordial sobre a cidade, considerando a complexidade do processo histórico de emergência, de desenvolvimento e de reprodução das estruturas e das relações sociais no espaço da cidade (Silva, 2017: 11). Albion Woodbury Small (1854-1926) foi o primeiro diretor do Departamento de Sociologia da Universidade de Chicago e essa seção foi a primeira a ser fundada como unidade independente em todo o mundo. Assim chamada Escola de Sociologia de Chicago teve uma prevalência durante toda a terceira fase da sociologia americana, entre 1920 e 1935. Destacou-se pelas teorizações originais, pelas técnicas de pesquisa empíricas e pelos temas de investigação que introduzem (Atkinson *et al.*, 2001; Atkinson, 1998). Ofertava ensino de graduação e de pós-graduação associado à pesquisa de alto padrão e numa perspectiva de prestação de serviços à comunidade.

A Escola de Chicago assinalou um forte impacto no tocante à importância das repercussões da investigação sociológica sobre a sociedade, estabelecendo claramente uma tradição intelectual na sociologia. Por um lado, os sociólogos de Chicago ofereceram uma sociologia urbana caracterizada por uma abordagem empírica que alvitrava a estudar a sociedade no seu conjunto. Consentaneamente, e por outro lado, as suas principais temáticas congregaram-se no problema político e social da imigração e na assimilação dos imigrantes à sociedade americana, concedendo grande destaque aos estudos sobre a criminalidade e a delinquência. Muito distinta pela aposta na sociologia qualitativa, os sociólogos desta Escola fizeram importantes contribuições, desenvolvendo métodos originais de investigação, tais como, a utilização científica de documentos pessoais (autobiografias, correspondência particular, diários e relatos) (Cordeiro *et al.*, 2003), o trabalho de campo sistemático (a observação, a entrevista, o testemunho) e a exploração de diversas fontes documentais (Alasuutari, 1995).

Deste modo, e no quadro dos conteúdos programáticos da Unidade Curricular de Teorias Sociológicas II do Primeiro Ciclo de estudos de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, decidimos introduzir um projeto pedagógico de exploração e aprofundamento dos principais contributos da Escola de Chicago. A origem dos estudos sobre subculturas está associada à tradição americana, e exprime-se a partir dos estudos realizados pelos sociólogos da Escola de Chicago, nas décadas de 20 a 40 do século XX (Muggleton, 2000). A Escola de Chicago assumiu um modelo ecológico de sociedade assente no equilíbrio com os contributos de Robert Ezra Park e E. W. Burgess (1970). Sobre este pano de fundo, as subculturas nos EUA são vistas como resultantes do processo de urbanização (Wirth, 1998). Assim, as primeiras pesquisas sobre as subculturas juvenis enfocam aspetos dos comportamentos desviantes da juventude, estando presentes em estudos de orientação qualitativa e etnográfica sobre urbanismo, cultura e desvio (Coulon, 1995). Desta feita, “a reputação de Chicago nos anos 20 ligava-se à magnitude das suas taxas de criminalidade. (...) A partir do momento em que se tornou evidente que a maioria dos padrões de comportamento criminal se reporta aos dias da juventude, as investigações sobre delinquência juvenil adquiriram uma importância estratégica” (Coulon, 1995: 72). Dentro do modelo ecológico de sociedade, o conceito de subculturas surge como um importante elemento de explicação de patologias sociais, uma vez que elas são reconhecidas como “subsistemas relativamente distintos enquadrados num sistema social e cultural mais vasto” (Feixa, 1999: 36). A Escola de Chicago preocupou-se sobretudo com

uma análise ecológica do ambiente urbano, alicerçando a sua concepção na existência de áreas de desvio e de delinquência portadoras de instabilidade populacional, desorganização e enfraquecimento das normas de conduta coletiva, sendo território propício ao surgimento de subculturas, bandas e grupos marcados por uma vivência transgressora do espaço (Gelder e Thorton, 1997; Brake, 1980; Bennett e Kahn-Harris, 2004). Existe uma separação entre centro e periferia. Os centros estão interligados e possuem relações de subordinação de acordo com a importância comercial. Os subcentros são dependentes do centro principal. O modelo de estrutura das cidades cria um espaço geográfico diferenciado, que acaba por se traduzir num espaço social de desigualdade. Resumem-se, portanto, a locais de segregação social: “Trasher constatou a existência de vários estratos urbanos concêntricos na cidade de Chicago: há um centro urbano, *The Loop*, onde se concentram o comércio, os escritórios e os bancos. Afastando-se do centro em direção à periferia, encontra-se uma série concêntrica de bairros onde moram as classes médias e, mais longe ainda, os das classes sociais abastadas, de implantação mais antiga. Entre o centro urbano e essas duas zonas, há outra que que Trasher chama de *intersticial*, onde residem os imigrantes europeus, sobretudo poloneses e italianos, assim como os chineses e os negros. É nesta zona, que não é intersticial apenas no plano da geografia urbana, mas também no plano social, que se concentra a violência e se encontram as gangues.” (Coulon, 1995: 62).



Fonte: <http://www.lib.uchicago.edu/e/collections/maps/ssrc/>

Na reconstrução do imaginário da cidade, das suas áreas, tensões e grupos, nada melhor que o imaginário cinematográfico de Leone para nos transportar até à Chicago dos anos 1920. O filme “Era uma Vez na América” (*Once Upon a Time in America*, EUA, 1984) - obra-prima do *spaghetti western* - de quase quatro horas¹, que ilustra perfeitamente como funciona o cinema operístico - um cinema grandioso, maior que a vida - de Leone: “Era

¹ A primeira edição, que jamais viu a luz do dia, tinha 250 minutos. Os executivos da Warner obrigaram o realizador a encurtar a metragem para 139 minutos. Com o tempo, uma versão ampliada para 236 minutos chegou aos cinemas europeus, fez sucesso, e acabou por chegar aos EUA.

Uma Vez na América' foi o projeto da vida de Sergio Leone (Fawell, 2005). Embora tenha ficado famoso por seus *westerns*, o realizador italiano jamais deixou de sonhar com uma narrativa épica sobre os Estados Unidos da América. Seu grande sonho transformou-se no seu último filme (Leone faleceu em 1989)". (Mancini e Carrasco, 2008: 388).

O filme foi um projeto de vida de Leone que sempre ambicionou fazer uma narrativa épica dos EUS no século XX (Frayling, 1998). Para o realizador, a sociedade americana continha em si contradições e tensões que funcionavam em conjunto mas que se apresentavam como aparentemente incompatíveis (cfr. Berger e Luckmann, 1999): multiculturalismo *versus* racismo; arte *versus* violência; moralidade *versus* corrupção; cultura *versus* barbárie: "o que apaixona no filme, além do domínio da técnica, são as contradições. Entre a reconstituição histórica e o caráter mítico da trama, entre a abundância de detalhes da infância e o apagamento das figuras paternas, entre o estilo de encenação operístico e a integração de elementos instáveis e imprevisíveis como o jogo cronológico, entre muitos formidáveis atores além do genial De Niro, o grande ponto positivo é que o filme permanece aberto, suscetível ao enriquecimento aditivo". (Chion, 1984: 13)

O visionamento do filme permite-nos observar o completo domínio dos elementos fílmicos de Leone e a onnipresença dos três tempos (passado, presente e futuro). A tudo isto se junta a magnífica banda sonora de Ennio Morricone que "ênfatiza que quando compõe música de cinema, compõe remetendo-se a essa conjunção de estímulos que permitem à música "falar", "revelar", "amplificar", "mover", "comover", "contar", "pintar um quadro", "lutar uma batalha", poder ter "início, meio e fim" como se contasse uma história, ter "linha e cor" como numa pintura, simular "texturas" diferentes como numa escultura. Nesse sentido, não só a sua como toda a música de cinema pode aspirar ser uma "linguagem", com um léxico, uma semântica e uma sintaxe". (Mancini e Carrasco, 2008: 386).

Once Upon a Time in America

Género: Drama

Duração: 220 m

Ano: 1984

Estúdio: Warner Bros/Embassy Inter Pictures/PSO International/Rafran Cinematografica/Wishbone

Distribuidora: Warner Bros.

Realização: Sergio Leone

Argumento: Leonardo Benvenuti, Piero De Bernardi, Enrico Medioli, Franco Arcalli, Franco Ferrini e Sergio Leone, baseado em livro de Harry Grey

Produção: Arnon Milchan

Música: Ennio Morricone

Fotografia: Tonino Delli Colli

Direção Artística: Carlo Simi

Guarda-roupa: Gabriella Pescucci

Edição: Nino Baragli

Efeitos Especiais: Corridori

Sinopse:

Era uma vez na América é a última parte da trilogia feita pelo realizador Sergio Leone sobre a América; os outros filmes foram "Era uma vez no oeste", de 1968, e "Quando explode a vingança", de 1972. O filme centra-se na história de vida do *gangster* David Aronson conhecido por Noodles. Reconstituindo um puzzle de *flashbacks*, Noodles envelhece e vê o seu passado através de uma parte da história de Nova Iorque, incluindo o período da *Lei Seca*. O filme conta a história de dois amigos de origem judaica que crescem juntos cometendo pequenos crimes nas ruas do *Lower East Side*, em Nova Iorque. Aos poucos, estes crimes vão assumindo maiores proporções e a máfia judaica passa a ter tanta força que os amigos acabam por se tornar rivais e, reencontrando-se após 35 anos.

2. O urbanismo como modo de vida

Louis Wirth (1897-1952) foi um sociólogo alemão que viveu nos Estados Unidos, sendo um dos principais teóricos da Escola de Chicago, assim chamada devido à influência de professores e estudantes da Universidade de Chicago (Coulon, 1995; Herpin, 1982). Wirth notabilizou-se essencialmente devido ao estudo do fenómeno urbano, ao conceito de ecologia humana, ao conceito de organização/desorganização, entre outros. Em termos de objeto empírico, Wirth - tal como os outros sociólogos - contou com a contribuição de um fator histórico importantíssimo naquela altura: a grande massa de migrações em direção aos EUA. Particularmente incidente em Chicago, esta questão levantou grandes questões na época, contribuindo largamente para o crescimento exponencial das cidades.

Louis Wirth começa por mencionar que o começo da modernidade surgiu quando começaram a aparecer as grandes cidades, as grandes metrópoles, onde vive um grande aglomerado populacional em perpétua interação entre si, que disseminam ideias - quer sejam culturais ou políticas - e modos de vida, fazendo questão de comparar este facto com começo da civilização ocidental, que se caracterizou pela instalação de povos nómadas na bacia do Mediterrâneo. Um dos fatores centrais é o crescimento exponencial do urbanismo em quase todo o globo, tendo em alguns locais do mundo, se passado de uma sociedade predominantemente rural para uma urbana num curto espaço de tempo, o que, segundo Wirth, provocou grandes alterações na vida das pessoas. Estas razões são mais do que suficientes para que vários atores sociais, especialmente os sociólogos, se preocupassem por estudar esta problemática.

Tal crescimento, em tão pouco tempo, levou a que surgisse um estilo de vida *híbrido*, ou seja, uma mistura de rural e urbano, pois um grande número de pessoas não se conseguiu adaptar a tamanhas mudanças, sendo isso exemplo um elevado número de pessoas que apesar de viverem em zonas urbanas, ainda mantêm um estilo de vida predominantemente rural, pois não foram capazes de se adaptarem completamente à mudança que se verificou nas suas vidas (Coulon, 1995; Herpin, 1982). No estudo do urbanismo, Wirth deparou-se com um grave problema: não existia nenhuma definição clara de cidade. Certos autores baseavam-se no número de população - critério que o autor considerava completamente arbitrário, pois existem casos de cidades com menor número populacional e, contudo, detêm um maior nível de urbanismo, especialmente se estiverem próximas a uma grande metrópole -, outros num critério puramente geográfico - refutado pelo autor, que se baseia no surgimento dos meios de transporte mais desenvolvidos que tornam o “mundo um lugar mais pequeno” - até a critérios como a densidade - mesma refutação usada para o critério do número populacional - e, por fim, nos autores que se apoiavam no modo de ocupação dos habitantes urbanos ou na existência de instituições de serviços públicos, pois a questão aqui é saber qual a importância destes fatores para a formação de um carácter vincadamente urbano.

Após contestar todas os conceitos usados por outros autores para definir a cidade, Wirth chega à conclusão que caso queiramos estabelecer uma definição de urbanismo, não nos podemos cingir às características de todas as cidades, mas devemos prestar atenção às suas inúmeras variações, pois uma cidade industrial diferirá completamente de uma cidade mineira ou piscatória, sendo este apenas um dos vários exemplos possíveis. Ou seja, uma definição correta de urbanismo deve tentar ser ao máximo inclusiva para conter as diferentes características dos diferentes tipos de cidades, apesar de, como ressalva Wirth, nem todas as variáveis serem possíveis de levar em conta, e mesmo algumas dessas variáveis são claramente mais significativas que outras (Wirth, 1997: 4). Apesar de o urbanismo não se poder resumir ao espaço físico das cidades, é um facto que é aí que o

urbanismo que encontra mais enraizado; contudo, como acautela o autor, quando se formula uma definição sociológica da cidade, tem de se ter o cuidado de não incorrer na tentativa de identificar o urbanismo como um modo de vida com uma influência cultural específica, chamando o autor à atenção para o perigo de confundir urbanismo com o capitalismo moderno.

Por fim, Wirth chega a uma definição de cidade: a cidade como um núcleo relativamente grande, denso e permanente de indivíduos socialmente heterogêneos. (Wirth, 1997: 4). É a partir desta definição de cidade que Louis Wirth elabora a sua teoria de urbanismo, pois considera que apesar de existir uma vasta literatura sobre as cidades, não existe nada de relevante sobre o conceito de urbanismo. A questão que se coloca nesta tentativa de desenvolver uma teoria é descobrir as formas de ação e de organização sociais que surjam nas cidades devido à grande densidade, número e heterogeneidade de indivíduos.

Wirth defende a sua opção de escolher estes três pressupostos para a sua definição de cidade, pois, segundo ele, existem inúmeras interligações entre a quantidade de população, a densidade do núcleo e a heterogeneidade dos habitantes de uma cidade, que podem ser aplicadas a partir de observação e investigação, ou seja, a quantidade populacional isoladamente não pode ser levada em conta (conceito demasiado arbitrário segundo o autor), mas associada à questão de densidade leva-nos à questão da heterogeneidade.

Quanto maior é o número de indivíduos em interação, maior será a diferença entre eles; portanto, as diferenças pessoais, ocupacionais, só para exemplificar algumas, serão mais vincadas nos habitantes urbanos do que nos habitantes rurais. A partir disto, podemos afirmar que estas diferenças levam a uma separação dos indivíduos segundo vários fatores como a cor, o *status* económico, gostos, entre outros; outro fator de relevância é o enfraquecimento dos laços familiares e de parentesco, facto usual nos meios urbanos, e que rompe completamente com os laços sociais que se verificavam nas zonas rurais, como aldeias ou pequenas cidades, que se baseavam essencialmente no conhecimento pessoal.

Outro fator característico, tendo já sido referido tanto por Aristóteles, quer por Max Weber, é que a partir de um certo número de habitantes, o conhecimento mútuo entre os indivíduos será nulo, o que levará à segmentação de papéis entre os homens, ou seja, apesar de estarmos menos dependentes de certas pessoas, o que facto é que nos tornamos cada vez mais dependentes de um maior número de pessoas para a satisfação das nossas necessidades, quer sejam básicas, como a alimentação, quer sejam mais específicas, como é o caso cultural (Whyte, 2002). Isto significa a passagem de contactos primários para contactos secundários - sendo este uma característica essencial da teoria de Wirth - que apesar de serem cara a cara, são impessoais, transitórios, o que leva os indivíduos a adotar uma atitude *blasé*, que é uma clara influência de Georg Simmel, como podemos confirmar com seguinte citação: “A essência do carácter *blasé* é o embotamento perante as diferenças das coisas, não no sentido de que elas não sejam percebidas, como no caso dos estúpidos, mas de um modo tal que o significado e o valor das diferenças das coisas e, assim, das próprias coisas são apreendidos como nulos.” (Simmel, 2009: 43).

Esta mudança de contactos primários para secundários ocasiona mudanças positivas que permitem libertar o indivíduo de determinados formalismos, de emancipá-lo em relação a certas instituições; mas, por outro lado, traz consigo consequências negativas, pois, segundo Wirth devido à superficialidade e ao anonimato das relações pessoais, tendemos a limitar os nossos conhecimentos a questões de utilidade, no sentido que consideramos o papel de cada indivíduo possa ter para a obtenção de fins para o nosso bem-estar. Isto faz com que o sujeito perca o sentido de viver numa comunidade, fá-lo perder os laços que o une com os outros, o que o leva a um estado de anomia, conceito que nos remete para a obra de Émile Durkheim (Wirth, 1997: 7). Claramente e para uma comunidade de indivíduos

que excede claramente a capacidade de todos se conhecerem, Wirth refere a necessidade de existência de meios indiretos de comunicação para articular os interesses dos diversos sujeitos, sendo um dos casos a delegação dos interesses de um grupo a um determinado representante, que tem como função defender os interesses desse mesmo grupo ou coletividade, pois, na cidade, um indivíduo pouco ou nada conta, mas o representante de inúmeros indivíduos, por outro lado, já tem um determinado poder, sendo esse poder maior proporcional ao número de indivíduos presentes num certo grupo de interesses.

Em seguida, Louis Wirth centra-se no segundo axioma: a densidade. Para o autor, também a concentração de um grande número de indivíduos num espaço limitado provoca certas consequências no modelo proposto para uma análise sociológica da cidade. Na sua apreciação, o aumento de um elevado número de pessoas num espaço limitado vai claramente levar à especialização e à diferenciação entre os indivíduos - teoria que Wirth vai explorar novamente de Durkheim - para que seja possível à área em questão suportar o número crescente de sujeitos; por outro lado, o autor apoia-se novamente em Simmel, do qual vai retrair a ideia que através de um contacto físico estreito entre os diversos indivíduos vai ocorrer uma troca nos meios através dos quais nos orientamos, ou seja, o mundo urbano acentua um tipo de reconhecimento: o visual; o olhar ganha uma nova importância na vida urbana. Isto terá como consequência um afastamento ainda mais pronunciado da vida natural por parte do indivíduo que vive em zonas urbanizadas.

Diversos fatores como a densidade, a acessibilidade, rendimentos e desejabilidade de um determinado local, só para citar alguns exemplos, levam cada vez mais a uma segregação, a uma separação entre os indivíduos, pois, nas grandes cidades, é normal que diversas pessoas tenham perspectivas de vidas antagónicas e, por isso, tendam a separarem-se uma das outras; contudo, no sentido oposto, pessoas com os mesmos gostos e interesses tendem a agruparem-se. Isto leva a que as cidades sejam uma espécie de “mosaicos de mundos sociais”, como refere Wirth no artigo, onde a passagem de um “mundo” para outro seja bastante abrupta para qualquer pessoa (Wirth, 1997: 12). A vida e trabalho em comum de diversos sujeitos sem laços emocionais entre si leva à criação de um espírito de irresponsabilidade e de desordem moral, tendo para isso a sociedade de recorrer a meios formais para combater tais sentimentos e para se poder manter estável, sendo disso o exemplo da rotina diária que é exigida às pessoas ou mesmo o caso dos sinais de trânsito ou dos relógios, a partir dos quais regemos as nossas vidas quotidianas (Berkowitz e Ungar, 2007).

Por fim, Wirth refere o último dos três axiomas: a heterogeneidade. Neste caso, a interação entre os sujeitos no meio urbano é tão variada que tende a desorganizar a estratificação social de classes, as posições de classes, sendo a cada vez maior mobilidade social dos indivíduos, não estando, como antes, confinados a um local durante toda a sua vida, um fator adicional para a destruição da rigidez das estruturas sociais, que eram um fator usual nas pequenas comunidades. Isto, segundo Wirth, leva ao cosmopolitismo e à sofisticação do sujeito urbano em comparação com o indivíduo que vive no campo, sendo um exemplo desta situação o facto de nenhum grupo deter o monopólio de lealdade e concordância de um indivíduo, pois em virtude dos diversos interesses da vida social na cidade, o sujeito é membro de diversos grupos, muitas vezes divergentes entre eles, cada um representando apenas um segmento da personalidade do sujeito (Wirth, 1997: 13).

Por fim, Wirth reconhece que apesar de a cidade produzir uma população altamente diversificada, também exerce, em sentido contrário, uma influência niveladora, ou seja, introduz-se nas grandes cidades um processo de despersonalização, sendo isto especialmente promovido pela base económica que sustenta a cidade; pois quando um elevado número de sujeitos utilizam os mesmos serviços e instituições, esses mesmos serviços e instituições começam a tratar os indivíduos como categorias ou meros números

para obterem um melhor desempenho nas suas tarefas (Wirth, 1997: 14); ou seja, os indivíduos têm de abdicar de uma parte da sua individualidade em nome da coletividade, da comunidade.

Depois de explicitados os postulados teóricos, Wirth vai elucidar como é possível analisar empiricamente o urbanismo a partir de três pontos de vista interligados: primeiro, uma perspetiva ecológica; segundo, como uma forma de organização social; e, por último, como um conjunto de atitudes e ideias pessoais (Henslin, 1998). Wirth começa a analisar empiricamente o urbanismo como uma perspetiva ecológica, ou seja, tenta explicar o domínio da cidade sobre as áreas circundantes, das *hinterlands*. Isto pode ser explicado essencialmente através de fatores que derivam da quantidade e da densidade populacional; um exemplo é o facto de as cidades conterem uma maior proporção de pessoas jovens do que as zonas rurais, onde a população tende a ser constituída por pessoas mais velhas ou muito jovens. Outro fator consignado por Wirth é a incapacidade das cidades renovarem as suas populações, sendo isto resultado de um acentuado declínio do índice de natalidade, que é uma das características mais específicas do mundo ocidental e da complexidade da vida urbana (Wirth, 1997: 14).



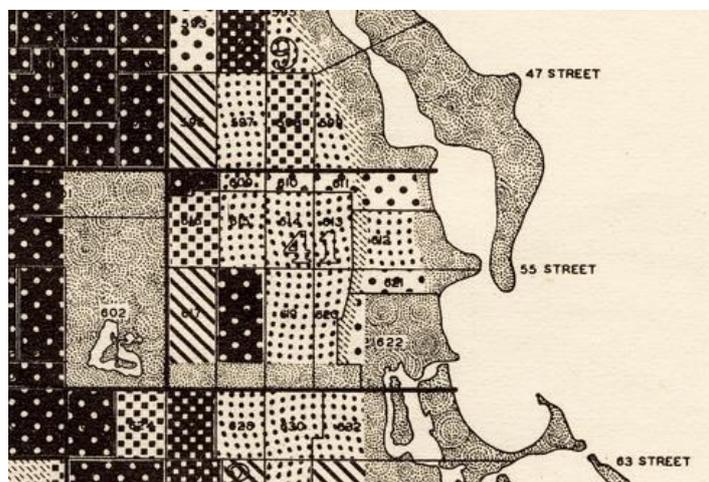
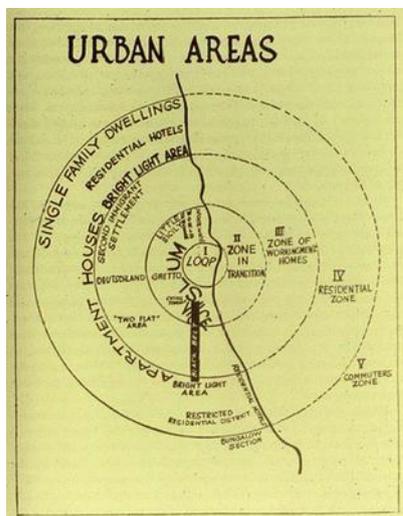
Fonte: <http://www.lib.uchicago.edu/e/collections/maps/ssrc/>

Em seguida, o autor passa a analisar empiricamente o urbanismo como forma de organização social. As características que o autor considera mais pertinentes sociologicamente são a substituição dos contactos primários por secundários; o decréscimo dos vínculos de parentesco e familiares e o desaparecimento das bases tradicionais da solidariedade social; um dos exemplos referidos pelo autor é a descida da taxa de natalidade, o que sugere o gradual desaparecimento do conceito tradicional de família. De facto, os diversos fatores que levam a uma maior insegurança pessoal também estão

presentes nos contrastes entre os indivíduos e o mundo urbano, pois levou cada vez mais a uma diferenciação entre grupos mediante o rendimento e *status* social.

Portanto, o homem urbano está condenado, caso queira obter os seus fins, a juntar-se a grupos organizados que representem os seus interesses, pois devido ao enfraquecimento das relações humanas, o indivíduo urbano ficou sujeito a uma maior interdependência com outros sujeitos, o que faz diminuir a capacidade de decisão e de controlo individual. Por fim, Wirth analisa os efeitos do urbanismo na personalidade dos indivíduos e os seus efeitos na conduta social. O homem urbano, devido ao enfraquecimento dos laços familiares, desenvolve a sua personalidade, adquire o seu *status* social através da participação em atividades de grupos organizados, quer sejam eles económicos ou recreativos (Wirth, 1997: 16). Outro fator importante e que é intrínseco à vida nas cidades é a manipulação a que os indivíduos urbanos estão sujeitos, especialmente devido aos novos instrumentos de comunicação de massas, que reduz ainda mais a autonomia do sujeito urbano, pois cada vez está mais sujeito a pressões de vários grupos com propósitos totalmente opostos.

Como já foi acima referido, esta obra foi realizada num contexto histórico em que grandes mudanças a nível do urbanismo e do modo de vida que estavam a surgir devido à permanente interação entre um grande número de indivíduos oriundos de vários pontos do globo num espaço limitado. Foram os estudos de Wirth que trouxeram a notoriedade à sociologia urbana, que trouxeram à ordem do dia assuntos como as mudanças da vida social nas grandes sociedades. Citando Giddens: “a teoria de Wirth é importante, porque reconhece que o urbanismo não é apenas parte da sociedade, mas exprime e influencia a natureza do sistema social mais global. Os aspetos do modo de vida urbano são característicos da vida social das sociedades modernas no seu conjunto e não só das atividades dos habitantes das grandes cidades.” (Giddens, 2010: 557).



Fonte: <http://www.lib.uchicago.edu/e/collections/maps/ssrc/>

E podemos, de igual modo, vislumbrar influências dos estudos efetuados por Wirth em obras mais atuais. Na obra *Confiança e Medo na Cidade*, do sociólogo polaco Zygmunt Bauman, podemos encontrar certas referências que nos remetem à obra de Wirth: “Quando a solidariedade é substituída pela competição, os indivíduos se sentem abandonados a si mesmos, entregues a seus próprios recursos - escassos e claramente inadequados.” (Bauman, 2009: 5). Devido a este sentimento de abandono, o Estado moderno foi forçado a intervir, substituindo as redes protetoras pré-modernas por redes criadas

especificamente e cuidadosamente planeadas pelo Estado, o chamado “Estado social”, onde “havia mais proteção (garantia coletiva contras as desventuras individuais) que redistribuição da riqueza.” (Bauman, 2009: 3).

Manuel Castells, um dos expoentes da sociologia urbanista marxista francesa dos anos 1960, critica primeiramente o facto de Wirth considerar a história da humanidade como um processo contínuo, sem sobressaltos, da sociedade rural para uma sociedade urbana, que consiste na simples passagem de um estado para outro, sem ter em conta certas especificidades dos grupos em questão, facto que o leva a acusar as teorias de serem etnocentristas, apenas aplicáveis ao estudo das cidades norte-americanas, mas completamente desproporcionadas para a análise sociológica das cidades europeias e, especialmente, das cidades dos países subdesenvolvidos. Apesar da qualidade da teoria de urbanismo de Wirth, o facto de apenas se centrar em três axiomas e a partir daí generalizar e formular uma teoria do urbanismo levantou inúmeras críticas, sendo um dos principais críticos, Manuel Castells, que refere: “a tentativa de Wirth, no sentido de mostrar especificamente a relação existente entre densidade, dimensão e heterogeneidade, por um lado, e cultura urbana, por outro, não é, apesar de indiscutível qualidade intelectual do estudo, senão uma acumulação de hipóteses de sentido comum, sem qualquer articulação teórica interna. Não há dúvida de que a organização social e o sistema cultural dependem de algo mais que do número e da diversidade dos indivíduos que compõem a sociedade.” (Castells, 1979: 63). Castells critica de igual modo a ideologia que a teoria do urbanismo de Wirth comporta, que o sociólogo espanhol afirma ter por base o capitalismo liberal, afirmando que esta teoria apenas tem por objetivo perpetuar e difundir o sistema global capitalista como algo indiscutível, como algo que todos os povos alcançariam eventualmente, sendo esta a razão que autores como Castells consideram esta teoria de perpetuação do sistema capitalista ocidental.

3. A reconstituição de uma assembleia de cidadãos em Chicago em 1920

O termo *Teatro do Oprimido* tem ligação direta com a *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire (2000). Através de um processo que deu luz à *Pedagogia da Libertação*, destaca-se o projeto político que enfatiza a necessidade de transitividade do ensino. Usando técnicas teatrais para educar, Paulo Freire acredita que tal auxilia na compreensão e na contextualização de factos sociais, uma vez que os canais ditos formais nem sempre são eficientes face às especificidades dos indivíduos (Freire, 1997). Em reuniões, por exemplo, a formalidade muitas vezes intimida as pessoas a participarem em discussões importantes. Para que a participação popular seja estimulada é necessário procurar novas maneiras de diálogo entre governo e povo que favoreçam a criação de novos espaços onde a criatividade dos indivíduos seja alimentada e valorizada. Diariamente, encontramos situações de opressão, discriminação e preconceitos que não são discutidas e, conseqüentemente, não solucionadas.

Assim, com o objetivo de criar uma ambiência que permita o debate e que problematize questões do quotidiano, o *Teatro do Oprimido* procura, através de jogos, de exercícios e de técnicas cénicas estimular uma reflexão sobre as relações de poder utilizando histórias que envolvam opressores e oprimidos. Assim, o *Teatro do Oprimido* fornece também instrumentos para a criatividade e a capacidade de propostas para as questões do dia-a-dia. Para Boal (1980), o teatro popular é uma forma de educação não formal que não trata somente de temas ligados à política. Boal considera mesmo que o Teatro do Oprimido “não é o teatro para o oprimido: é o teatro dele”. Neste, o artista interpreta-se a ele próprio,

analisando a própria vida e ações para chegar a novas formas de libertação. Ainda segundo Boal (1990), os conceitos de oprimido e de espectador são praticamente sinónimos, pois as sociedades tendem a exercer um monólogo unidirecional *top-down* nas relações: professor-aluno, pai-filho, etc. E, de acordo com o autor, o *Teatro do Oprimido* teria características políticas, de militância, de resistência, para a mobilização dos indivíduos. Boal enuncia (1998) que oprimido seria aquele que é “despossuído do direito de falar, do direito de ter a sua personalidade, do direito de ser”. O *Teatro do Oprimido* possui algumas técnicas entre elas a do *Teatro Imagem*, *Teatro Jornal*, *Teatro Invisível*, *Teatro Legislativo* e *Teatro Fórum*. No caso da Assembleia de Cidadãos de Chicago que aqui intentamos criar, oscilamos entre o *Teatro Invisível* que ocorre quando os espectadores fazem parte de cenas do quotidiano, de factos ocorridos, opinando nas discussões provocadas pela encenação; e o *Teatro Fórum* que decorre da apresentação de um problema, das personagens opressoras e dos conflitos - contexto face ao qual os espectadores devem elaborar alternativas para a solução destas situações. Nestas abordagens, a educação é vista como uma estrutura do poder. Segundo Freire, a escola constrói saber que é poder. Para o autor, o papel da educação também consiste em empoderar os excluídos com o conhecimento de forma crítica. Ainda de acordo com Freire (1992) pedagogia do oprimido engloba uma luta por significados culturais tomando como base as mais diferentes posições sociais.

4. Sugestão de atividade

A abordagem da Escola de Chicago de uma forma participada por parte dos estudantes tendo em vista a clara compreensão e aplicação dos seus conceitos tem sido o nosso móbil. Para tal, partindo da encenação de uma situação real - a cidade de Chicago e os seus diferentes grupos sociais - pretendemos estimular a troca de experiências entre atores e espectadores, através da intervenção direta na ação teatral, visando a análise e a compreensão da estrutura representada e a busca de meios concretos para ações efetivas que levem à transformação daquela realidade. Trata-se de um método teatral que se baseia no princípio de que o ato de transformar é transformador. O que propomos aqui deriva de Boal, pois desafiamos os estudantes nos seus grupos de trabalho a desempenharem *papéis de relevo* na cidade de Chicago dos anos 1920. Assim, vamos constituir uma ASSEMBLEIA DA CIDADE que reúna os seus habitantes e problemas quotidianos enfrentados perante um conjunto de sociólogos da Escola de Chicago.

Imagens de imigrantes nos anos 1920 em Chicago



Fonte: <http://www.lib.uchicago.edu/e/collections/maps/ssrc/>

Neste projeto pedagógico, o desafio prende-se com o desempenho por parte de cada grupo de trabalho de um papel (no caso de todos os papéis identificados, cada grupo pode desdobrar pelos seus diferentes elementos sub-papéis por exemplo, no caso das famílias, pai, mãe, filho, avó, avo, tia... Também no caso do Presidente da Câmara, podemos ter para além deste, o vereador da saúde, da imigração, o técnico da autarquia, etc...) De seguida, listamos os papéis a desempenhar pelos grupos. Estes papéis serão sorteados pelos diferentes estudantes em sistema de *blind attribution*.

1. Presidente da câmara
2. Empresário do sector automóvel
3. Empresário do sector da construção
4. Família burguesa americana
5. Bombeiros
6. Polícias
7. Dono e empregados de restaurante
8. Dono e empregados de bar
9. Família polaca
10. Família lituana
11. Família italiana
12. Família checa
13. Família jugoslava
14. Gang juvenil
15. Gang juvenil
16. Família mexicana
17. Família negra
18. Professores
19. Clero e ordens religiosas
20. Família húngara
21. Família russa

Cada grupo de trabalho deve preparar uma narrativa para cada um dos sub-papéis. Assim, os estudantes devem organizar da melhor forma o seu papel e sub-papel centrado na sua pertença social e nos problemas que enfrentam: desenraizamento, desemprego, pobreza, falta de apoio familiar... O objetivo é traçar um plano de ação de desenvolvimento de Chicago tendo em vista o seu justo desenvolvimento e a erradicação da pobreza.

Imagens de imigrantes nos anos 1920 em Chicago



Fonte: <http://www.lib.uchicago.edu/e/collections/maps/ssrc/>

5. Sugestão de leituras e fontes

Os filmes “O Padrinho”, “Era uma vez na América”, “Léon, o Profissional” serão fontes inesgotáveis de inspiração e desenvolvimento imaginativo das vivências. Também a Série “Chicago Fire” assume papel de relevo – veja-se os episódios 9 e 10 da quarta temporada.

As obras de Herpin (1982) e de Coulon (1995) são fundamentais. As obras de Boal e de Freire serão determinantes para a interiorização da metodologia do *Teatro do Oprimido*. A consulta da coleção digital de mapas e imagens da Universidade de Chicago é muito interessante e potenciadora de imaginação sociológica – <https://digital.library.cornell.edu/>

Referências bibliográficas

- ALASUUTARI, P. (1995). *Researching culture: qualitative method and cultural studies*. Londres: Sage Publications.
- ATKINSON, Paul; COFFEY, Amanda; DELAMONT, Sara; LOFLAND, John, eds. (2001). *Handbook of ethnography*. Londres: Sage Publications.
- ATKINSON, Robert (1998). *The life story interview*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- BAUMAN, Zygmunt (2009). *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.
- CASTELLS, Manuel (1979). *Problemas de investigação em sociologia urbana*. Lisboa: Presença.
- BENNETT, Andy; KAHN-HARRIS, Keith (eds.) (2004). *After subculture: critical studies in contemporary youth culture*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan.
- BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas (1999). *A construção social da realidade: um livro sobre a sociologia do conhecimento*. Lisboa: Dinalivro.
- BERKOWITZ, Michael; UNGAR, Ruti (eds.) (2007). *Fighting back? Jewish and black boxers in Britain*. London: University College of London Press.
- BOAL, Augusto (1980). *Teatro do oprimido e outras poéticas políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BOAL, Augusto (1990). *Teatro de Augusto Boal*. São Paulo: Huditec.
- BOAL, Augusto (1998). *Jogos para atores e não-atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- BRAKE, Mike (1980). *The sociology of youth culture and youth subcultures: sex and drugs and rock 'n' roll*. Londres: Routledge.
- CHION, Michel (1984). Il y a un Lieu, l'Amérique. *Cahiers du Cinéma, Paris*, n. 359, pp. 10-13.
- CORDEIRO, Graça Índias; BAPTISTA, Luís Vicente; COSTA, António Firmino da (orgs.) (2003). *Etnografias urbanas*. Oeiras: Celta Editora.
- COULON, Alain (1995). *A escola de Chicago*. Campinas: Papyrus Editora.
- FAWELL, John (2005). *The art of Sergio Leone's Once Upon a Time in the West: A critical appreciation*. Londres: McFarland.
- FEIXA, Carles (1999). *De jóvenes, bandas e tribus*. Barcelona: Ariel.
- FRAYLING, Christopher (1998). *Spaghetti Westerns: Cowboys and Europeans from Karl May to Sergio Leone*. Londres: I.B. Tauris.
- FREIRE, Paulo (1992). *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo (1997). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo (2000). *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outras escritas*. São Paulo: UNESP.
- GELDER, Ken; THORTON, Sarah (eds.) (1997). *The subcultures reader*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- GIDDENS, Anthony (2010). *Sociologia*. Fundação Calouste Gulbenkian. 8ª edição
- HENSLIN, James M. (1998). *Essentials of sociology: a down-to-earth approach*. Massachusetts: Allyn and Bacon.
- HERPIN, Nicolas (1982). *A sociologia americana. Escolas, problemáticas e práticas*. Porto: Afrontamento.
- MANCINI, Orlando Marcos Martins; CARRASCO, Claudiney (2008). Ennio Morricone: A Música “Fala”... sem palavras. *XVIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação (ANPPOM)*. Salvador - 2008.

- MUGGLETON, David (2000). *Inside subculture: the postmodern meaning of style*. Gordonsville: Berg Publishers.
- PARK, Robert E.; BURGESS, Ernest W. (1970). *Introduction to the science of sociology including an index to basic sociological concepts*. Chicago: The University of Chicago Press.
- SILVA, Augusto Santos (2017). Três formas de olhar a identidade nacional. *Portugal ao Espelho*. Disponível em https://portugalaoespelho.files.wordpress.com/2017/03/ficha_identidade-nacional-2.pdf. pp. 1-16.
- SIMMEL, Georg (2009). *As grandes cidades e a vida do espírito*. Covilhã. LusoSofia Press.
- WHYTE, William Foote (2002). *Street Corner Society. La structure sociale d'un quartier italo-américain*. Paris: La Découverte/Poche.
- WIRTH, Louis (1997). O urbanismo como modo de vida. In FORTUNA, Carlos (org.). *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia*. Oeiras: Celta Editora.
- WIRTH, Louis (1998). *The ghetto*. New Brunswick: Transaction Publishers.

Filmografia

- BESSON, Luc (Realizador) (1994). *Léon, the Professional [Léon, o Profissional]*. França: Gaumont Buena Vista International.
- BRANDT, Michael; HAAS, Derek (Realizadores) (2012). *Chicago Fire*. EUA: NBC.
- COPPOLA, Francis Ford (Realizador) (1972). *The Godfather [O Padrinho]*. EUA: Paramount Pictures.
- LEONE, Sergio (Realizador) (1984). *Once Upon a Time in America [Era uma vez na América]*. EUA/Itália: The Ladd Company e Warner Bros.